

LÍNGUA, INDIVÍDUO E SOCIEDADE EM PERSPECTIVA ENUNCIATIVA: PROBLEMÁTICA E HORIZONTES EPISTEMOLÓGICOS

Silvana Silva¹

Resumo: Quais relações é possível entrever entre língua, indivíduo e sociedade na obra de Émile Benveniste? É no entanto necessário lembrar que Benveniste apresenta problemáticas e organizações textuais completamente diferentes no bem conhecido *Problemas de Linguística Geral I e II* (doravante *PLG*) e no *Vocabulário das Instituições Indo-Europeias*. Nossa hipótese, baseada em nossa leitura conjunta dessas duas obras (Silva e Malcorra, 2016), é a de que no *Vocabulário* operacionalizam-se algumas análises das relações entre língua(s) e sociedade(s) e de que nos *PLGs* aprofunda-se a problemática da relação entre indivíduo e sociedade. O objetivo desse trabalho é o de equacionar essas diversas abordagens das relações entre língua, indivíduo e sociedade, procurando observar pontos de convergência e de complementação e aprofundamento teórico-analítico. Inicialmente, procuraremos fazer um levantamento da ocorrência de 'indivíduo' nos *PLGs* e contrastá-la com a ocorrência dos já consolidados termos *locutor* e *pessoa*. (Flores et. al, 2009). Em seguida, nos questionaremos sobre o lugar da noção de indivíduo na teorização de Benveniste a partir dos textos "Da subjetividade na linguagem" e "Natureza dos pronomes".

Palavras-chave: epistemologia da linguística da enunciação; língua; indivíduo; teoria enunciativa de Benveniste

Introdução

A problemática das relações entre língua, sociedade e indivíduo não é formulada claramente como uma equação de três termos, nem na Linguística e muito menos na Sociologia. Encontramos na Sociologia estudos sobre as relações entre indivíduo e sociedade (Durkheim, 2012; Elias, 1994), entre sociedade e língua (Bourdieu, 2008), mas não entre língua, sociedade e indivíduo. Por sua vez, a Linguística, especialmente, a Sociolinguística elege subcategorias sociais, tais como comunidade, variação estilística, grupo social para relacioná-las com categorias linguísticas. Temos então, do lado da Sociologia, uma abordagem geral porém que desconsidera a língua como entidade autônoma ou o indivíduo como elemento da equação; e do lado da Linguística, isto é, da Sociolinguística, abordagens que se deslocam para questões específicas, não se questionando

¹ Doutora em Estudos da Linguagem. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação do Curso de Letras da UFRGS. Email: ssilvana2011@gmail.com

continuamente sobre os fundamentos epistemológicos das relações entre língua e sociedade². De acordo com Marra e Milani (2014, p. 55-56, grifos nossos):

“As conclusões de Labov sobre as características dos líderes da mudança linguística requerem, assim, que se retomem as discussões evidenciadas por ele mesmo (LABOV, 1966) de que o indivíduo não é uma unidade de análise linguística e que, por isso, não é um objeto de estudo em sua abordagem. Afinal, o indivíduo é ou não um elemento a que se deva recorrer para explicar a mudança linguística? Labov já respondera negativamente a essa questão. Teria, pois, o autor reconsiderado seu posicionamento anterior, já que suas últimas discussões (LABOV, 2001) estiveram focadas em indivíduos específicos, identificados por nomes (diferenciador de dados), endereços, gênero e idade (indicadores sociais)? (...) Obviamente, Labov se disse consciente de que esse foco em indivíduos poderia contradizer sua argumentação anterior e se justificou dizendo que, ao buscar compreender as forças que operam a mudança linguística, foi necessário restringir o foco à análise do comportamento de umas poucas pessoas. (...) Além disso, **o autor argumentou que sua investigação não se tratou de uma busca por indivíduos, mas por “localizações e tipos sociais”** (LABOV, 2001, p. 33-34). Essa postura de Labov evidencia suas ressalvas com tais questões, já que ele parece responder a possíveis questionamentos sobre essa dissociação entre indivíduo e comunidade que permanece controversa.”

Além disso, observamos que os sociológicos elaboram metáforas para fazer asunções gerais sobre língua e sociedade ou entre sociedade e indivíduo. Assim, Durkheim elege o conceito de ‘fato social’ e que as ‘regras sociológicas’ são ‘coisas’ e portanto podem ser analisadas (Durkheim, 2012, p. 41). Da mesma forma, Elias (1994) elege o conceito de rede de relações em oposição à metáfora da multidão para se referir ao que chama de ‘sociedade dos indivíduos’. Benveniste, por sua vez, utiliza a metáfora do ‘círculo’ para dar conta das relações sociais no indo

² Labov, em *The darwinian paradox*, postula as relações entre língua e sociedade mais como uma negação de alguns pressupostos biológicos bem como de alguns pressupostos da linguística comparatista do que propriamente elabora uma tese sobre essa relação. O autor aponta somente the curvilinear pattern hypothesis, como segue: “Instead, it was observed that the innovating groups were always located in an upper working class, or lower middle class, and that in many cases, these two groups were almost identical in the advancement of social change in progress in vernacular speech. Thus the crucial division of society from the point of view of language change was not middle class vs. Working class, but rather centrally located groups as against peripherally located groups” (2001, p. 31-2). Como podemos observar, o foco do trabalho de Labov são os processos de mudança linguística e não uma epistemologia ou ontologia das relações entre língua, indivíduo e sociedade.

Europeu (Benveniste, 1995). A conclusão geral é de que sociólogos, sociolinguistas e linguistas parecem tangenciar (ou seria evitar?) a questão do indivíduo/aspecto individual da linguagem.

Tomar língua, sociedade e indivíduo juntos como uma necessidade decorre, certamente, de um ponto de vista epistemológico: o de uma ciência linguística que se pretende trinitária (Dufour, 2000). Essa possibilidade é, a nosso ver, somente possível em uma Linguística da Enunciação (Silva, 2012), uma Linguística que inclua o gesto da implicação ao mesmo tempo que articula a explicação.

É necessário lembrar que Benveniste apresenta problemáticas e organizações textuais completamente diferentes no bem conhecido *Problemas de Linguística Geral I e II* (doravante *PLG*) e no *Vocabulário das Instituições Indo-Europeias*. Nossa hipótese, baseada em nossa leitura conjunta dessas duas obras (Silva e Malcorra, 2016), é a de que no *Vocabulário* operacionalizam-se algumas análises das relações entre língua(s) e sociedade(s) e de que nos *PLGs* aprofunda-se a problemática da relação entre indivíduo e sociedade, em especial nos textos ‘Da subjetividade na linguagem’ e ‘A filosofia analítica e a linguagem’, e a problemática entre língua, indivíduo e sociedade, em especial nos textos “Os verbos delocutivos” e “A blasfemia e a eufemia”. O objetivo desse artigo é o de equacionar diversas abordagens das relações entre língua, indivíduo e sociedade em Benveniste, procurando observar pontos de convergência e de complementação e aprofundamento teórico-analítico, buscando articular uma abordagem trinitária da relação língua/indivíduo/sociedade.

Breve apanhado sobre a questão da língua, do indivíduo e da sociedade em Benveniste

Quais relações é possível entrever entre língua, indivíduo e sociedade na obra de Émile Benveniste? Inicialmente, é importante trazer contribuições de alguns estudiosos que se debruçaram sobre essa questão, a saber, Malamoud (1997), Flores (2013) e Silva e Malcorra (2016).

Malamoud (1997, p. 657) afirma que Benveniste busca “construir uma matriz, um modelo explicativo capaz de engendrar fatos observáveis nas sociedades indo-

européias de tal forma que eles se revelam na análise do vocabulário”. Acrescenta ainda: “Todas as análises não levam necessariamente a conclusões de caráter paradoxal. Mas todas sublinham o fato que a sociedade tem uma precedência quando se trata de sentimentos pessoais e que, nas línguas indo-europeias antigas, pelo menos nos textos épicos, nos quais a ideologia inicial está melhor preservada, ‘o que entendemos como uma terminologia psicológica, afetiva, moral, indica, na realidade, as relações do indivíduo com os membros de seu grupo”. (p. 658). Assim, para Malamoud (1997), o *Vocabulário das Instituições Indo Européias* revela que o conceito de sociedade é um *a priori* na reflexão benvenistiana da língua e que cumpre observar na análise das línguas não tanto uma ‘ideologia’ mas as relações entre indivíduos em seus grupos.

Flores (2013, p. 120), por sua vez, afirma que “tema um tanto polêmico é a presença de uma visão de sociedade em Benveniste.” Apesar do tom de desconfiança dessa afirmação, o autor indica um percurso de leitura para observar a relação entre língua/indivíduo/sociedade, a saber, “O ponto de partida para desenvolver o tema da sociedade em Benveniste é, sem dúvida, o texto Estrutura da língua e estrutura da sociedade. (...) Mas é possível também surpreender o tópico em outros artigos, como Da subjetividade na linguagem. (...) Sugiro ainda associá-lo à 6ª Parte dos *Problemas de Linguística Geral*, Léxico e Cultura. O começo, certamente, deveria se dar com o texto *Dom e troca no vocabulário indo-europeu*.” Nessa citação, observamos uma indicação de leitura dos textos contidos nos PLGs mas não uma indicação de leitura do *Vocabulário das Instituições Indo-europeias*. Por que a obra que parece dialogar diretamente com o texto Dom e troca, tendo inclusive uma seção chamada “Dar e tomar” (no Livro I, Economia, do volume I) não é sequer mencionada por Flores (2013)? Em outra obra do autor, encontramos algumas pistas:

“O fato da tradução do *Vocabulário* ser datada de 1995, muito tempo depois de sua publicação francesa. Além disso, chama atenção a edição brasileira não vir acompanhada de uma apresentação ou mesmo de uma nota de seus editores. Essa ausência de apresentação é sintoma de certa ‘falta de lugar’ do livro no contexto da pesquisa **atual** em Linguística no Brasil. (Flores, 2017, p. 57, grifos nossos)

Embora Flores (2017) esteja argumentando sobre a falta de estudos sobre Benveniste na década de 60 e 70 no Brasil, é digna de nota a afirmação de que hoje ainda o *Vocabulário* não tem lugar na pesquisa atual. Essa afirmação é tanto correta que o termo ‘indivíduo’ não aparece no *Dicionário de Linguística da Enunciação* (2009), organizado por Flores, Finatto, Barbisan e Teixeira. No referido Dicionário, encontramos somente os termos ‘locutor’, ‘sujeito’ e ‘pessoa’. Da mesma forma, não encontramos o termo ‘sociedade’.

Além disso, em busca no Portal francês *Perseé* com o termo ‘Vocabulaire’, encontramos somente seis (6) resenhas sobre a obra e um artigo, de Malamoud (1997), que será tematizado mais adiante. As outras referências retomam algumas temáticas abordadas por Benveniste no *Vocabulário*, mas não tematizam diretamente o empreendimento benvenisteano. Uma dessas resenhas, de François Thomas traz uma conclusão elogiosa, no entanto, um pouco decepcionante para o linguista: “ Faut-il regretter que les résultats concernant la connaissance des réalités n’aient pas été repris et présentés en un esemble? Peut-être vailait-il mieux après tout leur laisser la forme d’apperçus fugitives saisis par une perception directe au cours même d’une démonstration. Le livre est de ceux qui se lisent et ne se résument pas” (FRANÇOIS, 1972, p. 82)³.

Discordamos em parte do raciocínio François, uma vez que o *Vocabulário* é dividido em Livros, sendo cada um focado em um tema social (família, economia, religião, direito, etc.). Nossa hipótese é que o conceito de *indivíduo* articula as reflexões dos PLGs e do *Vocabulário*. Nesse sentido, Flores (2013) parece nos indicar que ‘indivíduo’ e ‘sociedade’ também poderiam ser considerados senão termos em Benveniste, ao menos ‘noções’ que trazem efeitos para a teoria. Na próxima seção, faremos uma conceituação do termo ‘indivíduo’ e sua relação com os termos correlatos de ‘locutor’, ‘sujeito’ e ‘pessoa’.

Ono (2008) é o único trabalho que encontramos que explora a articulação entre as reflexões do *Vocabulário das Instituições Indo-europeias* e a noção de

³ “É de se queixar que os resultados que concernem o conhecimento de realidades não tenham sido retomados e apresentados em conjunto? Talvez teria sido melhor os deixar sob a forma de sínteses rápidas tomadas por uma percepção direta no curso de uma demonstração. O livro é daqueles que se lêem e não se resumem” (François, 1972, p. 82, tradução nossa).

enunciação contida nos *PLGs*⁴. Apesar de sua tese estar contida em pouco menos do que duas (2) páginas, ela realiza um belo e produtivo ensaio em seu trabalho, que empreende uma análise cronológica do pensamento benvenistiano em busca de noções de enunciação. A autora define o ‘campo nocional’ da enunciação a partir do desdobramento dos três eixos propostos no artigo ‘O aparelho formal da enunciação’, quais sejam, realização vocal da língua; semantização da língua em discurso; realização individual da língua, em cinco aspectos ou particularidades da enunciação. Essa noção de “aspecto” deve ser entendida como um quadro conceitual amplo em que todos os elementos são constitutivos do fato enunciativo. São eles: 1. A enunciação é uma realização vocal da língua; 2. A enunciação é um ato operacional que converte a língua em discurso; 3. A enunciação é um processo de apropriação. 4. Toda enunciação postula um alocutário, explícito ou implícito. 5. Toda enunciação coloca o locutor e o co-locutor em uma relação com o mundo, em que a referência é parte integrante da enunciação. Após o estudo do termo enunciação ao longo da história de escrita de Benveniste, Ono conclui que há três conceitos correlatos ao de enunciação em Benveniste, como três faces de sua evolução, a saber, frase, instância de discurso e enunciado performativo. É justamente nessa última ‘face’, a instância social, que é possível articular a noção de enunciação dos *PLGs* e as reflexões sobre sociedade nos *Vocabulários*. A autora inicia o capítulo ‘Enonciation et acte de langage’ com a seguinte afirmação: “Cette notion [‘convention social’] joue un grand rôle dans la théorie d’Austin, et, nous le verrons, elle est également importante pour Benveniste, en particulier dans *VOC*.” (p. 175). Para a autora, o texto ‘Na subjetividade da linguagem’ é o primeiro em que Benveniste trata da performatividade e também é em ‘A filosofia analítica da linguagem’ que o raciocínio se completa. Se em ‘Na subjetividade...’ está a noção de ‘engajamento pessoal; na ‘A filosofia analítica da linguagem’ está a noção extralinguística de ‘autoridade’. Nesses dois textos, temos uma noção de enunciação como enunciado performativo em sua dimensão social como fazendo parte da dimensão privada. A seguir, mostramos a citação em que observamos a

⁴ Os trabalhos de Lamberterie (1997) e de D’Ottavi (2014) debruçam-se sobre o *Vocabulário*. Voltam-se, a nosso ver, para um Benveniste comparatista, gramático das línguas.

articulação entre os *PLGs* e os *Vocs* no raciocínio de Ono de forma mais contundente:

“N’est-ce pas finalement dans *VOC* que Benveniste vise l’éclaircissement de la signification de certains mots anciens, et que ses analyses étymologiques donnent lieu à des réflexions théoriques sur l’acte de parole en general? Certes, ces observations linguistiques sont toutes fondées sur des documents historiques venant de langues mortes. Elles n’ont pas pour but d’élaborer une théorie générale du discours. Néanmoins, **les analyses de *VOC* montrent quelles liaisons peuvent s’établir entre la parole et l’autorité dans la structuration d’une institution, et c’est justement au sein de ces analyses qu’on peut comprendre comment Benveniste conçoit l’insertion de l’acte de parole dans la société.**” (ONO, p. 185-6, grifos nossos)

Entendemos assim que as análises contidas nos *VOCs* constituem uma forma de conceituação implícita de enunciação, que ligam a noção de ‘autoridade’ e a de ‘ato de fala’ em sua inserção na sociedade, na elaboração teórica de Ono (2008). Para demonstrar esse raciocínio, a autora mostra as análises de Benveniste devotadas às noções de direito, autoridade e juramento no *VOC II*, em função de sua ligação evidente com os exemplos contidos no texto ‘A filosofia analítica e a linguagem’ (*PLG I*). Acreditamos que esse percurso da autora nos encoraja a traçar uma conceituação teórica mais formulada, mais explícita. Ainda que a autora não tenha problematizado a própria noção de ‘instituição’, seu raciocínio nos conduz a pensar um paralelo entre os termos enunciação/instituição. Antes de propor uma conceituação mais clara de enunciação a partir dos *VOCs*, vejamos a conclusão de Ono sobre esse tema.

Na conclusão de sua reflexão sobre os *Vocs*, a autora apresenta duas “contradições” no pensamento de Benveniste em relação às reflexões do *PLG*. Examinaremos essas ditas contradições. A primeira pode ser resumida da seguinte forma: “Tandis que les formules n’interessent pas le Benveniste critique d’Austin, *VOC* fait la relation entre acte de parole et formules conventionnelles issues des institutions sociales.” (p. 194) . Benveniste descreve as sociedades antigas como vendo o Direito como uma ‘técnica’ e não como uma ‘ciência’, portanto, invenção, em que os locutores repetem ‘fórmulas’ que lhe são exteriores, e esses enunciados são codificados em Direito. Assim, no *VOC*, os atos de fala são *heterônomos*, enquanto no *PLG*, são *autônomos* (p. 195). A segunda contradição é a de que ao

tratar do juramento, Benveniste traz uma perspectiva fenomenológica (um aspecto ‘extralinguístico’) para a questão no Voc, que está ausente na discussão do texto do PLG.

Colocando essas duas ditas contradições em paralelo, observamos que o Voc ora é visto como uma perspectiva de ‘fechamento’ em torno de ideias linguísticas, ora de ‘abertura’ a questões de outras ordens (para retomar a distinção proposta por Normand, 1997). Essa é uma característica da escrita de Benveniste: cada texto deve ser visto em relação a outros, fato incontornável (Flores, 2012). Outra questão importante, diferentemente do que afirma Ono (2008, p. 195), a noção de performatividade faz parte sim das sociedades antigas e também modernas, no entanto, ela parece ser vista de forma diferente em cada sociedade. Para a sociedade antiga, a performatividade é heterônoma; para a sociedade moderna, ela é mais autônoma (não diríamos autônoma, como para Ono, 2008). A distinção entre formas de lidar com a língua e o pensamento em diferentes historicidades está marcada numa distinção que surpreendemos na discussão sobre o par guerra/paz no texto ‘Cidades, Comunidades’ (VOC I). Nesse texto, Benveniste ressalta que nas épocas antigas toda a designação de caráter étnico se fazia por diferença e oposição, ou seja, em todo o nome que se dá a um povo, há a intenção de distingui-lo dos povos vizinhos, de afirmar uma superioridade linguística. Isso fazia com que as noções de paz e guerra sejam diferentes entre sociedades antigas e modernas, uma vez que, segundo a designação étnica, o estado de guerra é o normal, já para a designação política, o estado de paz é a natural. Como diria Laplantine (2009), leitora com visada heurística dos *Vocabulário*, “lorsqu’on lit le Vocabulaire d’Émile Benveniste, on espérait ensuite que tous les historiens deviennent linguistes, et que tous les linguistes deviennent historiens.” (p. 125). Não há contradição entre os PLGs e os VOCs, a nosso ver: esse último traz uma visada histórica, para o primeiro uma visada sincrônica, perspectivas complementares que o par enunciação/instituição ainda deve render muitos debates e conceituações.

Malcorra e Silva (2016) é o primeiro trabalho em língua portuguesa que conhecemos que tematiza diretamente a noção de sociedade em Benveniste

expressa no *Vocabulário* e a articula a uma teoria da linguagem. As autoras cunham o termo ‘epistemologia para uma teoria social em Benveniste’ para dar conta da dimensão social da reflexão do autor. Nesse artigo, Malcorra e Silva (2016) informam que o conceito de *reciprocidade* está atrelado à noção de *sociedade* em Benveniste e aparece, além do texto do PLG *Dom e troca*, em inúmeros artigos do *Vocabulário*, a saber, “Cidades, comunidades” (Vocabulário I), “A hospitalidade” (Vocabulário I) e “O escravo, o estrangeiro” (*Vocabulário I*). As autoras propõem uma cisão entre os termos ‘teoria da enunciação’ e ‘linguística da enunciação’, a partir da cisão entre ‘linguística’ e ‘teoria’ proposta por Teixeira (2000). Além disso, analisam as relações terminológicas entre vizinho/inimigo no texto ‘Cidades, Comunidades’ a partir da noção de ‘eu’ como dupla instância referente e instância referida. Concluem, a partir da análise do texto ‘Cidades, comunidades’, que: “é somente quando o homem se interroga, teoriza sobre sua condição diante do outro - seja esse amigo, inimigo, vizinho, hóspede – é que se torna possível estabelecer trocas linguísticas com esse outro.” (Malcorra e Silva, 2016, p. 251). Encontramos, nesse texto, assim, indícios, pistas de uma primeira aproximação do conceito de *indivíduo* com o conceito de *pessoa*, por meio do conceito de reciprocidade. Assim, a pessoa, como *instância referida* é tomada pelo outro como um ser com alguma identidade social (amigo, inimigo, vizinho etc.) mas como *instância referente* pode concordar ou não com essa identidade social. A noção de pessoa redobra, desdobra ou ratifica, reafirma a noção de indivíduo, pela e na linguagem.

Silva (2016), por sua vez, explora a noção de gesto tal como aparece no *Vocabulário das Instituições Indo Europeias I* no texto ‘Philos’ e em três textos dos PLGs, a saber, *A forma e o sentido na linguagem*, *Da subjetividade na linguagem* e *A semiologia da língua*. A autora entende a noção de ‘gesto’ como uma via linguística para compreender as relações entre língua e sociedade. Da análise do texto *Philos*, a autora conclui que: “Constatamos que a noção de ‘gesto de reciprocidade entre amigos’ é fundadora das diversas relações de reciprocidade entre aqueles que se instituem e são instituídos de *philia*, de amizade. A forma do gesto e a posição em que os sujeitos se encontram e se ‘gestualizam’ determinam o sentido de tal reciprocidade social, seja de respeito, seja de reverência à igualdade

ou à intimidade sexual entre cônjuges. Tal é a produtividade da língua grega, a única em que substantivo e verbo têm a mesma forma.” (Silva, 2016, p. 93). Assim, o gesto é um signo da reciprocidade, portanto, da relação eu-tu. Por fim, a autora conclui seu texto dizendo que o *gesto é uma noção linguística de instituição social, elo entre língua e sociedade*.

Na próxima seção, pretendemos aprofundar os entrelaçamentos teóricos e conceituais entre os termos ‘indivíduo’ (‘pessoa’, ‘locutor’, ‘sujeito’), ‘língua’ e ‘sociedade’, tendo em vista a elaboração de um horizonte epistemológico para uma *Teoria Social da Enunciação* (Malcorra e Silva, 2016).

Proposta teórica de abordagem: uma via de mão dupla

Seguiremos um duplo percurso metodológico: 1º) *da forma para o sentido*, mediante o mapeamento da ocorrência de ‘indivíduo’ e suas colocações nos *PLGs* para posterior desdobramento e observação de conceitos correlatos já considerados como termos tais como locutor e pessoa (Flores 2009 et al.) ; 2º) *do sentido para a forma*, mediante o estudo do conceito de *indivíduo* implícito em quatro textos que, a nosso ver, podem articular as noções de língua, indivíduo e sociedade, a saber, “Da subjetividade na linguagem”, “A filosofia analítica e a linguagem”, “Os quatro círculos da pertença social” e “Dom e troca no vocabulário indo-europeu”.

Não desconhecemos as ressalvas de Flores (2012): é preciso observar que entre os termos de Benveniste pode haver homonímia, sinonímia e correlação. No entanto, acreditamos que a palavra tem força por sua existência e para o leitor a ocorrência é importante. Por isso, o levantamento numérico também tem função heurística, a nosso ver. O levantamento das ocorrências de ‘indivíduo’ e sua possível correlação com os termos *locutor* e *pessoa*⁵ nos 10 textos dos *PLGs*

⁵ Foram excluídas as ocorrências no plural e as ocorrências como base de derivação (‘impessoal’ que contém a ideia de pessoa, por exemplo).

utilizados como corpus do *Dicionário de Linguística da Enunciação* (Flores et. al. 2009)⁶ nos levou à seguinte análise:

Texto/PLG	Pessoa	Locutor	Indivíduo
1.	-	1	-
2.	2	6	-
3.	1	-	-
4.	-	7	-
5.	-	-	-
6.	35	8	4
7.	-	9	5
8.	99	-	-
9.	-	-	-
10.	-	-	-
Total:	137	31	9

Tabela 1. Ocorrências de indivíduo, locutor e sujeito em *corpus* utilizado em Flores (2009 et. al).

Dessa tabela, podemos fazer as seguintes leituras:

1. Há correlação textual entre os termos 'locutor' e 'pessoa' em dois textos de Benveniste, a saber, "A linguagem e a experiência humana" e "A natureza dos pronomes".
2. O termo 'pessoa' tem ocorrência bem mais numerosa em relação aos demais, o que justifica sua inclusão como categoria 'clássica' nos estudos enunciativos.
3. A ocorrência de 'indivíduo' nos mesmos textos em que aparecem os termos 'pessoa' e 'locutor' pode nos levar à hipótese de que ele também é um termo de Benveniste. Essa correlação é bastante evidente nos textos 'Natureza dos pronomes' e 'Da subjetividade na linguagem'.

⁶ São esses: 1. "A forma e o sentido na linguagem"; 2. "A linguagem e a experiência humana". 3. "Estrutura da língua e estrutura da sociedade". 4. "O aparelho formal da enunciação". 5. "Semiologia da língua". 6. "A natureza dos pronomes". 7. "Da subjetividade na linguagem". 8. "Estrutura das relações de pessoa no verbo". 9. "Os níveis de análise linguística". 10. "Os verbos delocutivos". (Flores et. al. 2009, p. 260).

Para reforçar nossa hipótese de que 'indivíduo' pode ser um termo em Benveniste, lembramos que o linguista tem uma atitude 'problematizadora' da linguagem (Dessons, 2006, p.10). Assim, se os termos 'locutor' e 'pessoa' aparecem nos mesmos textos em que ele discute noções como o que é língua e, ao lado dessa discussão, 'acrescenta' a 'ocorrência' de 'indivíduo', não é difícil concluir que essa ocorrência não é fortuita e pode ter o mesmo estatuto problematizante das demais noções. A esse respeito, Bouquet (1998) é bastante esclarecedor: a ciência tem dois polos, um positivo, dos saberes, das formulações, outro, negativo, das redes de conceitos interdependentes, chamados de 'primitivos teóricos'. É a esse último saber que filiamos o termo 'indivíduo', um saber negativo, que pode ser definido somente numa rede de outros primitivos teóricos.

Nessa coleta e observação inicial, verificamos que outras ocorrências poderiam entrar para a discussão, entre elas, 'falante', 'participante', 'ego', 'interlocutor'. Essa discussão é um dos próximos desdobramentos dessa pesquisa.

Dado esse levantamento inicial cuja principal conclusão é de que 'indivíduo' pode ser considerado um termo em Benveniste, partiremos para a segunda etapa metodológica, qual seja, mediante o estudo do conceito de enunciação implícito em dois textos de Benveniste a saber, "Da subjetividade na linguagem", "A filosofia analítica e a linguagem" verificar se neles se pode articular as noções de *língua*, *indivíduo* e *sociedade*. Principalmente: qual o lugar da noção de indivíduo na conceituação teórica de Benveniste? Não desconhecemos o fato de que o estudo da 'sociedade' em Benveniste poderia ser feito em outros textos, mas, nesse momento, seguimos a hipótese de Ono (2009) sobre o texto "A filosofia analítica e a linguagem" e tomamos o texto em que há maior relevância em nosso levantamento inicial, a saber, "Da subjetividade na linguagem".

Como será feita a abordagem textual que chamamos alusivamente 'do sentido para a forma'? Mediante o estudo do conceito de *indivíduo* implícito textos que, a nosso ver, podem articular as noções de língua, indivíduo e sociedade, a saber, "Da subjetividade na linguagem" (PLG I), "Natureza dos pronomes" (PLG I), faremos os enlaces iniciais entre indivíduo, língua e sociedade. Inicialmente, coletaremos todas as frases em que ocorre indivíduo, pessoa e termos correlatos e

nas quais sejam tematizadas a língua e a sociedade. Em seguida, procuramos responder: qual a relação entre indivíduo, língua e sociedade?

Consideramos quatro citações como relevantes para entender os laços entre indivíduo, língua e sociedade. Importante reforçar que entendemos o termo 'indivíduo' numa rede de primitivos teóricos com os termos 'pessoa' e 'locutor'. Isso não quer dizer que os trataremos como sinônimos, mas tão somente em suas 'aproximações' semânticas. Como nos ensina Flores (2012), há flutuação terminológica na constituição da rede significativa da Teoria da Enunciação de Benveniste. Além disso, há também uma rede de primitivos teóricos para língua: Flores (2013) analisa as aproximações semânticas entre língua, línguas e linguagem. Nossa hipótese é que cada uma das citações abaixo faça entrever uma das faces dessa rede de primitivos teóricos bem como os laços mais ou menos atados com a sociedade.

Texto “Da subjetividade na linguagem”

P. 285. “A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. (...) Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. (...) É um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem. (...) Seguramente na prática cotidiana o vaivém da palavra sugere uma troca, portanto uma ‘coisa’ que trocaríamos, e parece, pois, assumir uma função instrumental ou veicular que estamos prontos a hipostasiar num ‘objeto’. Ainda uma vez, porém, esse papel volta à palavra”.

Nesse trecho, observamos que a linguagem é algo ‘interno’ ao homem (ao indivíduo, portanto), o qual pela troca que ocorre na sociedade, tem a ilusão de ser a linguagem algo que está ‘fora’ dele, mas que justamente essa troca com outro homem, outra pessoa, faz com a linguagem retorne ao seu lugar original. Benveniste utiliza aqui uma relação da filosofia: a *hipóstase*⁷. Desse trecho, por ora nos interessa marcar que as relações entre língua, indivíduo e sociedade são as de que a sociedade cria uma ‘hipóstase’, isto é, uma objetificação das relações entre

⁷ Agamben (2017) dedica um capítulo a estudar a hipóstase e sua relação com o uso dos corpos, a escravidão e outras relações do homem com o trabalho. Talvez seja importante dedicar uma reflexão mais detida sobre essa relação em outro momento.

'homem' e 'homem', 'homem' e 'língua', a qual sempre é desfeita pelo próprio uso da linguagem.

P. 286-7: "A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém que será na minha alocação um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne tu na alocação daquele que por sua vez se designa por eu. Vemos aí um princípio cujas consequências é preciso desenvolver em todas as direções. (...) Caem as velhas antinomias do "eu" e do "outro", do indivíduo e da sociedade. Dualidade que é ilegítimo e errôneo reduzir a um só termo original, quer esse termo único seja o *eu*, que deveria estar instalado na sua própria consciência par abrir-se então ao 'próximo', ou seja, ao contrário, a sociedade, que preexistiria como totalidade ao indivíduo e da qual este só se teria destacado à medida que adquirisse a consciência de si mesmo. É numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade."

Nesse trecho, o ponto de partida é o indivíduo. Benveniste sublinha que a própria compreensão de ser alguém, de perceber a si mesmo é devida à presença de outro. Esse outro, individual ou coletivo, forma a sociedade. Assim, Benveniste redefine a sociedade como "o(s) outros eus". Indivíduo e Sociedade tem um igual estatuto linguístico e por isso é pela reciprocidade entre outras relações que se estabelece o laço entre indivíduo e indivíduo, indivíduo e sociedade. De certa forma, esse 'apagamento' da noção de sociedade com uma 'natureza terceira' faz ressurgir a relação languageira fundamental ao indivíduo.

P. 287: "Uma língua sem expressão de pessoa é inconcebível. Pode acontecer somente que, em certas línguas, em certas circunstâncias, esses "pronomes" sejam deliberadamente omitidos; é o caso na maioria das sociedades no extremo oriente, onde uma convenção de polidez impõe o emprego de perífrases ou de formas especiais entre certos grupos de indivíduos, para substituir as referências pessoais diretas. Esses usos, no entanto, não fazem mais do que sublinhar o valor das formas evitadas; é a existência implícita desses pronomes que dá o seu valor social e cultural aos substitutos impostos pelas relações de classe."

Por fim, nesse terceiro trecho há um retorno para a noção de língua (com certo 'avanço', considerando que aqui Benveniste a hipostasia no primitivo teórico 'línguas'). A expressão da individualidade (ou como ela é sublinhada, evitada, reforçada, desdobrada) pelas diferentes línguas dá testemunho justamente da importância da categoria de pessoa em todas as línguas, na linguagem. A categoria

de *pessoa* hipostasia a noção de individualidade na linguagem. É pela categoria de pessoa e sua expressão particular nas línguas que mostra os diferentes valores sociais das relações de classe (essa outra hipóstase das relações ‘eu’ e ‘outro’, ‘indivíduo’ e ‘sociedade’). Sociedade aqui está alinhada à noção de valores particulares que são expressos por uma relação humana particular, da ordem das línguas.

Texto ‘A natureza dos pronomes’

Como vimos na tabela acima, o texto ‘A natureza dos pronomes’ é aquele em que há maior co-ocorrência dos termos *pessoa*, *indivíduo* e *locutor*. Interessa-nos analisar um trecho em que aparece o termo ‘indivíduo’ e sua relação com língua e sociedade. No longo trecho abaixo, vemos que Benveniste traz um argumento que parece contradizer a afirmação do trecho anterior, qual seja, a ‘pluralidade da expressão linguística do indivíduo’. Vejamos:

P. 280: “Se cada locutor, para exprimir o sentimento que tem de sua subjetividade irreduzível, dispusesse de um ‘indicativo’ distinto (no sentido em que cada estação radiofônica emissora possui de seu ‘indicativo’ próprio), haveria praticamente tantas línguas quantos indivíduos e a comunicação se tornaria estritamente impossível. A linguagem previne esse perigo instituindo um signo único, mas móvel, eu, que pode ser assumido por todo locutor, com a condição de que ele, cada vez, só remeta à instância do seu próprio discurso. Esse signo está, pois ligado ao *exercício* da linguagem e declara o locutor como tal. É essa propriedade que fundamenta o discurso individual, em que cada locutor assume por sua conta a linguagem inteira. O hábito nos torna facilmente insensíveis a essa diferença profunda entre a linguagem como sistema de signos e a linguagem assumida como exercício pelo indivíduo. Quando o indivíduo se apropria dela, a linguagem se torna em instâncias de discurso, caracterizadas por esse sistema de referências internas cuja chave é *eu*, e que define o indivíduo pela construção linguística particular de que ele se serve quando se enuncia como locutor.”

Nesse trecho, fica evidente a diferença entre língua e linguagem na construção teórica de Benveniste (tal como assinalado em Flores, 2013). É essa diferença que equilibra as diferenças mais ou menos sutis entre ‘hábito’ e ‘uso/exercício’ da linguagem. O ancoramento da renovação linguística num único ponto da língua, o signo ‘eu’, faz ‘esquecer’ que é o uso linguístico, em sua renovada retomada pelo indivíduo, que faz renovar a própria linguagem e as relações sociais

entre 'eu' e 'tu'. O achatamento das relações *pessoa/indivíduo* conduz a práticas linguísticas que conduzem ao pólo do hábito; o laço mais ou menos frouxo entre *pessoa/indivíduo* conduz a prática linguísticas que conduzem ao pólo do exercício da linguagem.

A relação dos pares *pessoa/indivíduo* seja como 'laço' ou como 'colagem' nos remete à célebre interpretação que Benveniste faz da noção de arbitrariedade do signo linguístico em Saussure (em *Natureza do signo linguístico*, PLG I): ao retomar a metáfora da relação significante/significado da 'folha de papel' e do caráter pretensamente 'arbitrário' da relação significante e significado, Benveniste abre a discussão para que se releia o CLG e se descubra que se trata realmente de uma 'metáfora'. No capítulo sobre a arbitrariedade do signo linguístico, Saussure não utiliza a metáfora da 'folha' e sim a ideia de 'laço' entre significante e significado. Assim, a meu ver, a relação entre os pares é fundamentalmente um 'laço' podendo converter-se (ou não) em uma 'colagem'.

Para continuar a discussão, depois

Neste trabalho, deslindamos dois aspectos fundamentais das relações entre língua, indivíduo e sociedade. O primeiro diz respeito a uma ilusão da linguagem: a sociedade é uma 'criação', uma 'hipóstase (talvez uma 'metonímia'?) da relação entre os indivíduos. A sociedade, por seu caráter ilusório, não é um 'objeto', pois que a linguagem sempre a pode fazer e refazer. O segundo diz respeito ao desdobramento do indivíduo em pessoa e locutor: esse sim é fruto da relação mais ou menos próxima entre língua e linguagem. Desse duplo aspecto compreendemos que a relação indivíduo/sociedade é interna, determinada pela relação indivíduo/linguagem. Logo, voltamos uma correlação bem conhecida aos leitores de Benveniste: a correlação de pessoalidade é interna à correlação de subjetividade ("Estrutura de relações de pessoa no verbo", *PLG I*). Não nos espanta que

Benveniste refira-se, em duas ocasiões⁸, a noção de ‘troca’ nas relações sociais como uma ‘metáfora’ (outra ilusão?).

Essa dupla constatação nos faz pensar que o estudo da ‘sociedade’ pode ser feito por meio de semiologia, isto é, de uma relação de interpretância entre língua e sociedade (conforme Benveniste, em “A semiologia da língua”, PLG II). Não é à toa que proliferam obras⁹ com o título “Sociedade de + X”, numa possível relação parafrástica com os trabalhos de Foucault (e a noção de sociedade disciplinar ou sociedade do controle, em “Vigiar e Punir”). Essa pluralidade descritiva revela que a ‘sociedade’ só pode ser ‘apreendida’ se considerado algum fenômeno específico de uma certa historicidade e também que o estudo da sociedade é sempre uma hipóstase, isto é, uma redução, uma objetificação de um evento de linguagem.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Teoria das Hipóstases. IN: __. *O uso dos corpos*. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 159-170.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade do consumo*. Rio de Janeiro: Elfos. Lisboa, Edições 70, 1985.

BAUMANN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da USP, 2008.

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1998.

⁸ Os textos “Estrutura da língua, estrutura da sociedade” (PLG II) e “Da subjetividade na linguagem” (PLG I). No primeiro, no trecho: “A língua pode ser encarada no interior da sociedade como um sistema produtivo: ela produz sentido, graças à sua composição que é inteiramente uma composição da significação e graças ao código que condiciona este arranjo.” (p. 103). No segundo, no trecho analisado no artigo.

⁹ Por exemplo, *A sociedade do Consumo*, de Jean Baudrillard (1970), *A sociedade dos indivíduos*, de Norbert Elias (1987), *A sociedade individualizada*, Zygmunt Bauman (2001), *A sociedade do cansaço*, de Byung-chul Han (2010).

CREMONESE, Lia. Os termos de Benveniste em 'A natureza dos pronomes' e as relações entre eles. *Cadernos do IL*. Porto Alegre, n. 40, junho 2010, p. 26-32.

DESSONS, Gerard. *Émile Benveniste: l' invention du discours*. Paris: Editions In Press, 2006.

D'OTTAVI, Giuseppe. Designer et signifier le 'savoir': pour une nouvelle entrée du Vocabulaire des Institutions Indo-Europeenes d'Emile Benveniste. *Fragmentum*. Santa Maria: Editora Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 41, ab-jun. 2014, p.31-50. Abr./Jun. 2014.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: EDIPRO, 2012.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FLORES, Valdir. Notas para uma (re)leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. IN: FLORES, V. TEIXEIRA, M. *O sentido na linguagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 149-166.

_____.Valdir. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola, 2017.

FLORES, Valdir. et. al. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FRANÇOIS, Thomas. Benveniste (Emile). *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*. I : *économie, parenté, société* ; II : *pouvoir, droit, religion*. [Compte-rendu]. *Revue belge de Philologie et d'Histoire*. 1972, 50-1, p. 84-86. Disponível em:https://www.persee.fr/doc/rbph_00350818_1972_num_50_1_2905_t1_0084_000_1?q=Vocabulaire+des+institutions. Acesso em: 08/05/2018.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LABOV, William. The Darwinian paradox. IN:____. *Principles of linguistic change: social factors*. Volume 2 (Language in Society). Wiley-Blackwell, 2001.

LAMBERTERIE, Charles de. À propos du Vocabulaire des Institutions indo-européennes. Actes du Colloque Émile Benveniste vingt ans après. *LINX*,1997, p. 355-363.

LAPLANTINE, Chloé. Emile Benveniste et Le Vocabulaire des institutions indo-européennes », in Claire Joubert (dir.), *Le texte étranger (2), Travaux 2006-2008*, Saint-Denis: Presses universitaires de Vincennes, collection « Travaux et documents », 2009, p. 125-130.

MALAMOUD, Monsieur Charles. L'oeuvre d'Émile Benveniste: une analyse linguistique des institutions indo-européennes (note critique). In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilizations*, 26 année, n. 3-4, 1971, p. 653-663.

MARRA, Daniel. MILANI, Sebastião. O *locus* da língua: reflexões metateóricas acerca da noção de língua como um fatos social em William Labov. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista. V. 12, n. 2, p.51-71, dez. 2014.

NORMAND, Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, Sergio Lopes; PARLATO, Erika Maria; RABELLO, Silvana. (org.) *O Falar da Linguagem* (Série linguagem). São Paulo: Lovise, 1996.

ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2008.

SILVA, S. MALCORRA, B. Sociedade, Sociedades: epistemologia para estabelecer princípios de uma teoria social da enunciação. *Contextos linguísticos*, v. 10, série 17, 2016, p. 236-253. Disponível em:
<http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/14802>

Data da Submissão: 23/10/2018

Data da Aprovação: 18/12/2018